

SEMIDEUSES E MONSTROS

SEMIDEUSES E MONSTROS

ORGANIZAÇÃO E INTRODUÇÃO DE
RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE RAFAEL GUSTAVO SPIGEL E JANAÍNA SENNA



“Reconhecimento de monstros para iniciantes” © 2008 by Rosemary Clement-Moore
“Por que tantos monstros trabalham no comércio?” © 2008 by Cameron Dokey
“Roubar o fogo dos deuses” © 2008 by Paul Collins
“Que tal ser uma das Caçadoras de Ártemis?” © 2008 by Carolyn MacCullough
“Dioniso: Quem o deixou administrar um acampamento?” © 2008 by Ellen Steiber
“Os deuses entre nós” © 2008 by Elizabeth M. Rees
“Percy Jackson e os Senhores da Morte” © 2013 by J. & P. Voelkel
“Mamãe mandou eu escolher...” © 2008 by Jenny Han
“Percy, eu sou seu pai” © 2008 by Sarah Beth Durst
“Mais maus, impossível” © 2013 by Hilary Wagner
“O herói grego – Novo e melhorado!” © 2013 by Hilari Bell
“Nem mesmo os deuses são perfeitos” © 2008 by Elizabeth E. Wein
“Olhos congelados” © 2008 by Kathi Appelt
“A linguagem do coração” © 2008 by Sophie Masson
“Glossário de antigos mitos gregos” © 2008 by Nigel Rodgers
Introdução e textos introdutórios © 2008, 2013 by Rick Riordan
Publicado originalmente nos Estados Unidos por BenBella Books.

TÍTULO ORIGINAL

Demigods and Monsters

COPIDESQUE

Carolina Rodrigues

Janaina Senna

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Marcela de Oliveira

PROJETO DE MIOLO

Perfect Type, Nashville, TN

ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S474

Semideuses e monstros / organização Rick Riordan , Leah Wilson ; tradução Janaina Senna, Rafael Spigel . - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

272 p. ; 23 cm. (Percy Jackson e os olímpianos)

Tradução de: *Demigods and monsters*

ISBN 978-85-8057-557-6

1. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil. 2. Grécia Antiga. 3. Literatura infantojuvenil americana I. Wilson, Leah. II. Série.

14-12238

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2014]

Todos direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Introdução

Rick Riordan / 7

Reconhecimento de monstros para iniciantes

Rosemary Clement-Moore / 15

Por que tantos monstros trabalham no comércio?

Cameron Dokey / 29

Roubar o fogo dos deuses

Paul Collins / 41

Que tal ser uma das Caçadoras de Ártemis?

Carolyn MacCullough / 53

Dioniso: Quem o deixou administrar um acampamento?

Ellen Steiber / 63

Os deuses entre nós

Elizabeth M. Rees / 85

Percy Jackson e os Senhores da Morte

J. & P. Voelkel / 105

Mamãe mandou eu escolher...

Jenny Han / 119

Percy, eu sou seu pai

Sarah Beth Durst / 133

Mais maus, impossível

Hilary Wagner / 149

O herói grego – Novo e melhorado!

Hilari Bell / 165

Nem mesmo os deuses são perfeitos

Elizabeth E. Wein / 177

Olhos congelados

Kathi Appelt / 191

A linguagem do coração

Sophie Masson / 209

Glossário de antigos mitos gregos

Nigel Rodgers / 221

INTRODUÇÃO

Rick Riordan

As pessoas que tentarem encontrar uma razão para esta narrativa serão processadas; as pessoas que tentarem encontrar uma moral serão banidas; as pessoas que tentarem encontrar um enredo serão fuziladas — POR ORDEM DO AUTOR.

— Mark Twain, página inicial de
As aventuras de Huckleberry Finn

Uma radiografia da cabeça do autor

Há muitos anos, antes de Percy Jackson surgir em minha vida, eu era conhecido sobretudo como um escritor de romances policiais para adultos. Certa noite, participei de um evento com outros dois autores, e um deles explicou por que gostava do meu livro *The Devil Went Down to Austin*.

“A estrutura é impressionante”, disse ele ao público. “É um livro sobre mergulho, e conforme os personagens vão descendo pelas águas escuras e nebulosas, o enredo também fica mais sombrio e nebuloso. O simbolismo é muito inteligente.”

A plateia pareceu devidamente impressionada. E eu, confuso.

Eu criando simbolismos? Quem diria?

Após o evento, quando confessei ao outro autor que não havia concebido a tal estrutura nebulosa intencionalmente, que talvez aquilo fosse apenas o resultado de um esboço malfeito, ele ficou chocado. Ele tinha estudado minha escrita. Tinha feito descobertas brilhantes. E eu estava apenas contando uma história? Impossível!

Isso não significava que as descobertas dele não tivessem seu valor ou que o simbolismo não estivesse presente no livro. Mas sua interpretação

levantava uma questão importante sobre a diferença entre escrever uma história e analisá-la.

Qualquer livro, seja para crianças, seja para adultos, pode ser lido em diversos níveis — podemos simplesmente apreciá-lo, ou podemos procurar significados e nuances escondidos. Podemos até mesmo escrever ensaios sobre a obra, explorando-a sob diferentes perspectivas.

A função do escritor é escrever o livro. A função do leitor atento é encontrar significado nele. Ambas as funções são importantes. Os significados encontrados podem esclarecer, fascinar e surpreender. Podem até mesmo surpreender o autor, que utiliza símbolos e temas inconscientemente. Pelo menos *este* autor. Eu não penso sobre isso, não mais do que um falante nativo de uma língua pensa conscientemente sobre a concordância entre sujeito e verbo enquanto fala.

A abertura de *As aventuras de Huckleberry Finn* sempre foi uma das minhas citações prediletas de Mark Twain. Twain, inflexível que era, desejava que seus leitores simplesmente lessem o livro, e não que o examinassem em busca de lições morais, mensagens e muito menos de uma estrutura narrativa. Claro que isso não impediu que gerações após gerações de estudantes escrevessem seus trabalhos de conclusão de curso sobre o romance.

Quando fui convidado para editar esta antologia, não soube bem o que pensar. Por que tantos escritores talentosos iriam querer escrever sobre meus livros infantojuvenis? E, mesmo assim, quando li os textos, fiquei impressionado. Cada um tinha uma perspectiva diferente sobre Percy Jackson — todas fascinantes e intelectualmente instigantes. Muitas me fizeram pensar: “Era isso que eu estava fazendo?” Foi como se alguém tirasse uma radiografia da minha cabeça. De repente, notei tudo o que estava acontecendo dentro dela sem que eu nunca tivesse percebido.

Talvez tenha sido por isso que Mark Twain tentou alertar os críticos que quisessem interpretar sua obra. Não significa que as interpretações estejam erradas. É que elas mexem muito conosco!

O semideus inesperado

Nunca tive a intenção de escrever a série *Percy Jackson e os olímpianos*.

Quando meu filho mais velho estava no segundo ano, começou a ter problemas na escola. Não conseguia se concentrar. Não queria ficar sentado lendo. Escrever era um desafio doloroso.

Sendo escritor e professor de ensino fundamental, não foi nada fácil para mim aceitar o fato de que meu filho odiava a escola. Então veio a fatídica reunião de pais, ocasião em que os professores sugeriram que meu filho passasse por uma completa avaliação psicoeducacional. Algumas semanas depois, obtivemos os resultados: transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e dislexia.

Esses conceitos não eram novidade para mim. Tive muitos alunos com dificuldade de aprendizagem. Já havia realizado modificações nas aulas por causa disso, preenchido formulários de avaliação.

Mas quando a criança em questão é seu próprio filho, é diferente.

Como eu poderia ajudá-lo a compreender o que estava acontecendo com ele? Como eu poderia abordar o problema de maneira positiva?

No final, recorri ao que sei fazer melhor — contar histórias.

No segundo ano, a salvação de meu filho foi a mitologia grega. Essa era a única parte da matéria de que ele gostava. Toda noite, à hora de dormir, ele me pedia que lhe contasse histórias sobre mitos, e quando eu não tinha mais nenhuma para contar, ele me pediu que inventasse.

Então, de forma espontânea, veio-me à mente — como Atena surgindo da testa de Zeus — o mito que contava o surgimento do TDAH e da dislexia. Criei, então, Percy Jackson, um semideus grego, igual a Hércules, Teseu e Perseu, exceto pelo fato de Percy ser uma criança moderna. Ele tem TDAH e dislexia, e aprende que, juntos, esses dois transtornos comprovam que, sem sombra de dúvidas, ele tem sangue olímpiano.

Em *O ladrão de raios*, o transtorno do déficit de atenção indica que você tem sentidos muito aguçados. Você enxerga exageradamente, e não

com dificuldade. Esses reflexos não são úteis em uma sala de aula entediante, mas o manterão vivo em um campo de batalha. A dislexia indica que seu cérebro é programado para o grego antigo, então, é claro, ler em inglês é um esforço e tanto.

Meu filho não teve o menor problema em aceitar essa teoria.

Na história, Percy Jackson descobre que ser diferente pode ser uma fonte de força — e um sinal de grandeza. Ser ruim em termos acadêmicos não significa que você seja um fracasso. Percy era minha maneira de homenagear todas as crianças às quais ensinei que sofrem de TDAH e dislexia. Mais do que isso: foi um mito para meu filho compreender quem ele mesmo era.

Quando terminei de contar a história, meu filho me pediu que eu a escrevesse. Fiquei indeciso. Não achei que alguém pudesse gostar daquilo, e eu não tinha muito tempo livre para a tarefa. Já estava lecionando em período integral e escrevendo um romance policial por ano. Entretanto, arranjei um tempo e escrevi *O ladrão de raios*.

Meu filho adorou a versão final. Com certo receio, entreguei o manuscrito para alguns alunos. Eles também adoraram. Então, enviei o livro para as editoras com um pseudônimo, pois assim eu não ficaria constrangido ao receber uma avalanche de rejeições. Passadas algumas semanas, o livro foi a leilão e acabou arrematado pelo Disney Book Group.

No final daquele ano letivo, passei a escrever histórias infantojuvenis em tempo integral. A série *Percy Jackson* logo foi publicada no mundo todo.

Se há cinco anos você tivesse me dito que alguém iria querer criar uma antologia de ensaios baseados em uma história de ninar que eu inventei para meu filho, eu o teria chamado de louco.

O poder do mito

Então, por que a série repercute tanto entre os jovens leitores? Por que as pessoas ainda querem ler mitos gregos? São histórias de muito tempo

atrás, sobre uma sociedade bem diferente da de hoje. Que relevância elas poderiam ter no século XXI?

Sem dúvida, é possível alguém superar os obstáculos da vida sem conhecer algo sobre mitologia, mas sua existência seria bem pobre. A mitologia é o simbolismo da civilização. Contém nossos arquétipos mais profundamente entranhados. Quando você descobre a mitologia, passa a enxergá-la em todos os lugares — desde os dias da semana até a arte e a arquitetura. É muito difícil encontrar qualquer obra de literatura inglesa que não retrate, de certa forma, a mitologia clássica, seja na jornada do herói, seja nas alusões aos seres do Olimpo.

Então, conhecer mitologia faz de uma pessoa um cidadão mais bem-informado, mas sua importância vai além disso. A mitologia é um modo de compreender a condição humana. Os mitos sempre foram uma tentativa do homem de explicar fenômenos — e não apenas por que o Sol percorre todo o céu; os mitos também explicam o amor, o medo, o ódio, a vingança e toda a extensão dos sentimentos humanos.

Quando visito escolas, costumo perguntar às crianças qual deus grego elas gostariam de ter como pai. A melhor resposta foi a de uma aluna do Texas, que disse “Batman!”. Na verdade, a sugestão dela não é tão absurda, pois o que está em jogo é a mesma ideia: criar uma versão super-humana da humanidade de forma que possamos explorar nossos problemas, nossas forças e nossas fraquezas com mais amplitude. Se o romance coloca a vida sob a lente de um microscópio, a mitologia a transforma em um outdoor.

Os mitos também não se limitam ao passado. Nós não os deixamos para trás na Idade do Bronze. Criamos mitos o tempo todo. Meus livros, entre outras coisas, exploram o mito da América como o marco da civilização, o mito de Nova York e o mito do adolescente norte-americano.

Quando entendemos a mitologia clássica, compreendemos parte de nossa própria natureza e de nossa tentativa de explicar o que não compreendemos. E, enquanto formos humanos, haverá coisas que não compreendemos.

Em um nível mais básico, a mitologia grega é simplesmente divertida! As histórias contêm aventura, magia, romance, monstros, heróis corajosos, vilões medonhos e jornadas fantásticas. Tem como não gostar?

A mitologia agrada principalmente aos leitores pré-adolescentes porque eles conseguem se identificar com os semideuses. Tal qual Hércules, Jasão e Teseu, Percy Jackson é metade homem, metade deus. Está constantemente se esforçando para compreender sua individualidade, pois circula entre dois mundos sem pertencer a nenhum deles. Os estudantes dessa faixa etária compreendem o que é estar perdido no meio, entre a idade adulta e a infância. Eles se sentem presos no meio o tempo todo, aprisionados em uma condição desajeitada. Tudo está em constante mudança para eles — física, social e emocionalmente. O semideus é uma metáfora perfeita para a situação em que se encontram, e é por isso que a jornada de Percy repercute tanto entre eles.

Quando realizo eventos em escolas, geralmente faço um jogo de perguntas e respostas sobre mitologia grega com as crianças e os adolescentes. Não importa qual escola eu visite, ou quão pouco os alunos estudaram mitologia em sala de aula, eles sempre sabem as respostas, e os adultos sempre ficam impressionados. É quase certo que algum professor vai aparecer no fim, de olhos arregalados, dizendo: “Eu não sabia que nossos alunos sabiam tanto sobre mitologia!”

Isso não me surpreende. A mitologia *pertence* aos jovens leitores. Eles se enxergam como o herói. Eles adquirem esperança nos próprios esforços ao irem atrás de suas jornadas. E, sim, às vezes até mesmo veem seus professores como monstros!

Sobre esta antologia

Nestas páginas, você descobrirá o que realmente motiva Dioniso. Aprenderá a dar notas a seus pais. Explorará os monstros mais legais e os vilões mais horríveis da série *Percy Jackson e os olímpianos*. Decidirá se tornar-se uma

Caçadora de Ártemis é um bom negócio ou um erro desastroso. Aprenderá até mesmo a descongelar seus globos oculares e a desvendar os mistérios de sua profecia. Qual ensaio chega mais próximo da verdade? Não cabe a mim dizer.

Cerca de um ano atrás, em uma sessão de autógrafos de *O ladrão de raios*, um garoto da plateia ergueu a mão e perguntou:

— Qual é o tema do livro?

Eu o fitei com um ar vago.

— Não sei.

— Droga! — exclamou ele. — Eu preciso disso para o meu relatório!

Eis a lição: se quer saber o tema de um livro, a última pessoa a quem você deve perguntar é o autor. Esta antologia, no entanto, oferece perspectivas estimulantes e observações impressionantes. Se está procurando algo que erga a Névoa de seus olhos e o faça dizer “Aha! Os monstros *existem!*”, então você veio ao lugar certo.